

# QUAIS OS POSSÍVEIS DO DELÍRIO DO VERBO PARA PENSAR OS CURRÍCULOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL?

## **VANESSA GALINDO ALVES DE MELO**

Mestra em Educação Contemporânea pela Universidade Federal de Pernambuco – Centro acadêmico do Agreste, UFPE/CAA, [vanessa-gam@hotmail.com](mailto:vanessa-gam@hotmail.com);

## **JULIANA SILVA ALMEIDA**

Mestra em Educação Contemporânea pela Universidade Federal de Pernambuco – Centro acadêmico do Agreste, UFPE/CAA, [julianaalmeidaufpe@gmail.com](mailto:julianaalmeidaufpe@gmail.com);

## **CONCEIÇÃO GISLANE NÓBREGA DE LIMA SALLES**

Trabalho orientado pela Professora Dr<sup>a</sup>. Conceição Gislane Nóbrega Lima de Salles do Núcleo de Formação docente – UFPE/CAA, [conceicao.nlima@ufpe.br](mailto:conceicao.nlima@ufpe.br);

## 1. INTRODUÇÃO

O delírio do verbo estava no começo, lá onde a Criança diz:  
Eu escuto a cor dos passarinhos. (BARROS, 1993, p. 17)

**O**s versos que abrem essa tessitura escriturística nos inquietou... Dizeres de uma infância que diz de si mesma e do mundo ao seu redor... Dizeres que também são gestos, fazeres, aprenderes e que fazem o verbo pegar delírio (BARROS, 1993). Provocados por Manoel de Barros (1993) e por essa infância outra, perguntamo-nos se seria possível à escola e aos currículos escutar a infância e as crianças em sua “língua delirante”?

Com foco na metalinguagem, Santos (2011, p. 160), expõe que o “delirar do verbo” usado pelo poeta “[...] constituiria a ação de dissociar o verbo/a palavra de seus lugares comuns[...]”. E que “O Delírio tem a ver [...] com interpretação disparatada da realidade. Sendo assim, se o verbo delira, parte para outras interpretações da realidade, rompendo com o uso comum da linguagem a fim de criar novos sentidos” (SANTOS, 2011, p. 160).

Ao pensar a potência do delírio do verbo, Manoel de Barros (1993), possivelmente estava a tratar dessa inventividade que é própria da infância. Uma infância, para além de uma fase cronológica ou de uma temporalidade estática, mas como “uma condição da experiência” (KOHAN, 2007, p. 86) que pode habitar a criança, mas também o adulto, o idoso, as professoras. E por que não pensar uma infância para a Educação e para os currículos da Educação Infantil?

As crianças da pesquisa nos mobilizaram a olhar o currículo não apenas numa dada direção hegemônica, mas olhar para o que estava sendo feito na escola, “mobilizando diferentes possibilidades curriculares [...]” (LOPES, 2015, p.455) a partir desse verbo que delira e nos convoca a outras composições, pois, a infância elege “invenção em vez de revelação e criação no lugar da descoberta” (CORAZZA; TADEU, 2003, p.10), reinventando outros possíveis para os currículos que tendem à prescrição.

Nesta direção, tecemos nossas reflexões a partir do entrelaçamento de duas pesquisas concluídas durante o (per)curso de Mestrado, cujo objetivo consistiu em cartografar os gestos, dizeres, fazeres e aprenderes das crianças e da infância para pensar outros modos de inventar o currículo da Educação Infantil.

## 2. METODOLOGIA

A referida pesquisa delimitou como território existencial de investigação um Centro Municipal de Educação Infantil e uma Escola dos Anos Iniciais, situados na região do agreste pernambucano, com crianças de duas turmas da Pré-Escola II e crianças que frequentavam o primeiro ano dos anos iniciais.

Com inspiração na cartografia (BARROS; KASTRUP, 2015) traçamos um plano e nele nos movemos, criando possibilidades outras de caminhar com a infância do agreste, movidas por conversações (FERRAÇO; ALVES, 2018) e instaurações nossas, das crianças, por vezes das professoras. As conversas como possibilidade de encontros e as instaurações como movimentos, que partiam de invenções para fazer emergir o que já estava ali no cotidiano (LAPOUJADE, 2017, p.44). Encontros lúdicos, com brincadeiras, contação de história, oficinas de Arte e materiais não-estruturados. Uma acolhida às crianças, seus gestos, suas perguntas, protestos e desejos.

## 3. RESULTADOS OU CONCLUSÕES

Nesse traçado, as crianças instauram a produção de alegria como possibilidade de pensar os currículos na Educação Infantil, currículos mais coloridos, divertidos, brincantes, em que elas possam se sujar, criar, fabular, inventar outras formas de existências.

*Mônica: 1[...]Tia sabe por que eu gosto de se sujar? Porque se sujar faz mais alegria! Se sujar a pessoa fica toda pintada aí eu gosto de se sujar!*

*Pesquisadora: Aqui na escola vocês se sujam?*

*Mônica: Não, não! Só pinta a mão...*

Dizeres potentes que se constituem numa língua, cujo devir desenha, pinta, com tinta o desejo de currículos livres, onde possam se sujar e escapar em linhas de fuga diante da mesmidade de tarefas atreladas, por vezes, a datas comemorativas, onde as crianças apenas pintam a mão. As crianças querem mais que isso, pois, em suas artistagens (CORAZZA, 2013, p.21) “[...] fazem as mesmas coisas que a Arte. [...] não ordenam

1 Nome Fictício escolhido pela criança.

lugares, mas abrem rasgões para o Fora; movimentam-se sobre um devir-infantil[...]. Mônica, assim, nos diz de currículos existenciais, currículos em articulação com a vida, à medida que nos envolvemos com eles, refletimos sobre e com eles (CARVALHO, 2009). E por que não, quando nos sujamos com eles?

Em meio aos tecidos, fantasias e materiais não estruturados a infância e as crianças seguíam compondo o movimento de artistar-se, conforme nos dar a pensar Paloma<sup>2</sup> ao trazer em sua língua delirante: *“Hoje surgiu uma coisa de imaginação da nossa cabeça...”* (CONVERSAÇÕES, 2019), coisas que surgiram em um *espaçotempo* outro, desobrigado, tempo livre para pensar, tempo esquecido da obrigatoriedade de um currículo que por vezes, tenta nos diz o que pensar, para que pensar e onde devemos chegar. Essa imaginação está presente na poética de Manoel de Barros quando a criança diz que “escuta a cor dos passarinhos” (BARROS, 1993) e também, emerge nos currículos que se abrem a força inventiva advindos dos inícios infantis (KOHAN, 2020).

Currículos-outros que se efetivam no encontro dos corpos, dos desejos, dos afetos, da imaginação, das tintas, da alegria. Currículos-outros que podem “[...] inventar e criar novos pensamentos curriculares que não mais reproduzam nem executem o normatizado, mas ousem impulsos inovadores” (CORAZZA; TADEU, 2003, p.31). Movimentos que afirmam composições curriculares como acontecimento, sensações, criação e diferença. Currículos-outros invencionados por uma infância que o faz delirar.

**Palavras-chave:** Infância; Currículo; Educação Infantil.

## REFERÊNCIAS

BARROS, L. P., & KASTRUP, V. (2015). Cartografar é acompanhar processos. In: Passos, E., Kastrup, V., & Escossia, L. **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade** (pp.52-75). Porto Alegre: Sulina.

BARROS, Manoel de. **O livro das ignoranças**. 3ªed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.

---

2 Nome Fictício escolhido pela criança

CARVALHO, J. M. **Cotidiano escolar como comunidade de afetos**. Petrópolis, RJ: DP et alii; Brasília, DF: CNPq, 2009.

CORAZZA, Sandra Mara. **O que se transcria em educação?** Porto-Alegre-RS :Doisa, 2013.

CORAZZA, Sandra Mara; TADEU, Tomaz. **Manifesto por um pensamento da diferença em educação**. In: Composições. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 9-17.

FERRAÇO, Carlos Eduardo; ALVES, Nilda. Conversas em redes e pesquisas com os cotidianos. In: RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen Sanches (org.). **Conversas como metodologia de pesquisa: por que não?** Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.

KOHAN, Walter Omar. **Infância, estrangeiridade e ignorância – Ensaios de filosofia e educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

KOHAN, Walter Omar. **Tempos da escola em tempo de pandemia e necropolítica**. Práxis Educativa, Ponta Grossa, v. 15, e2016212, p.1-9, 2020 Disponível em: <https://www.revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa>

LAPOUJADE, David. **As existências mínimas**. Les Editions de Minuit n-1 ed. 2017.

LOPES, Alice Casimiro. **Por um currículo sem fundamentos**. Linhas Críticas, vol. 21, núm. 45, maio-agosto, 2015, pp. 445-466 Universidade de Brasília Brasília, Brasil. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/1935/193542556011.pdf>. Acesso em: 24 mai. 2019.

SANTOS, Suzel Domini dos. **A metalinguagem em Manoel de Barros: uma tática da criação**. Estação Literária. Londrina, Vagão. Vol. 8 parte B, p. 120-130, dez. 2011. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/letras/EL/vagao/EL8BArt16.pdf>. Acesso em: 19 jan. 2019.